
Desafios à promoção da criatividade na educação superior segundo professores universitários

Challenges to foster creativity in higher education according to university professors

Nívea Pimenta Braga¹

Denise de Souza Fleith²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar quais são os desafios à promoção da criatividade no contexto da educação superior, segundo professores universitários. Participaram do estudo 17 docentes de duas instituições de educação superior brasileiras. A metodologia qualitativa foi empregada e o instrumento consistiu em uma entrevista semiestruturada, com resultados reapresentados aos docentes após um ano. As respostas oriundas das entrevistas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam, como desafios à promoção da criatividade em sala de aula, o uso de tecnologias de informação e comunicação, a importância da criatividade, a velocidade de atualização, as potencialidades da rede e o novo perfil do aluno.

¹ Nívea Pimenta Braga possui graduação e mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Professora universitária do Instituto de Educação Superior de Brasília no curso de Publicidade e Propaganda. É coautora do livro “Como Desenvolver o Potencial Criador” com Eunice Alencar. npbraga@gmail.com.

² Denise de Souza Fleith é psicóloga e mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília e Ph.D. em Psicologia Educacional pela University of Connecticut. É professora titular e orientadora do Programa de Pós-graduação Psicologia do Desenvolvimento e Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. É pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Foi presidente do World Council for Gifted and Talented Children. fleith@unb.br.

Este artigo é derivado de parte da tese de doutorado da primeira autora, orientada pela segunda.

Palavras-chave: educação superior, desafios, criatividade.

ABSTRACT

The purpose of this study was to investigate what are the challenges to foster creativity in higher education, according to university professors. Seventeen professors from two Brazilian higher education institutions participated in the study. The qualitative methodology was used and the instrument consisted of a semi-structured interview, with results presented to the professors after one year. Content analysis technique was used to analyze the responses from the interviews. The results obtained indicate the use of information and communication technologies, the importance of creativity, the speed of updating, the potential of the network, and the student new profile as challenges to foster creativity in the classroom.

Keywords: higher education, challenges, creativity.

INTRODUCCIÓN

Alguns desafios centrais marcam o panorama da educação superior no Brasil e no mundo como agenda para 2030. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2018) recomenda mais atenção a questões atuais tais como igualdade de gênero, inclusão social e migração sejam o pano de fundo para um olhar mais aprofundado sobre acesso, democratização e oportunidades profissionais. Também a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2019) destaca o número crescente de estudantes trabalhadores e provenientes de grupos socioeconômicos desfavorecidos e de minorias que têm ingressado na educação superior. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP (2019), em 2018, no Brasil, o número de ingressantes nesse nível de ensino teve um crescimento de 6,8% em relação ao ano anterior. Contudo, houve uma redução de 1,5% em decorrência da oferta de vagas nas instituições públicas, ao passo que na rede privada, ocorreu um aumento de 8,7%. No período compreendido entre 2008 e 2018, a rede privada cresceu 59,3%, enquanto a rede pública aumentou 7,9% no mesmo período.

De acordo com a UNESCO (2012), há distintos objetivos que devem ser atingidos com vistas ao desenvolvimento da educação superior no Brasil. Um deles é moldar o aluno na perspectiva de uma cidadania que seja, ao mesmo tempo, social e ambientalmente responsável. Esse cenário é particularmente desafiador diante da massificação da educação. Espera-se que instituições de ensino sejam um ambiente gerador de conhecimento para a sociedade, através do estímulo ao pensamento crítico e também criativo. Outro objetivo é qualificar a formação dos professores. O contexto atual tem exigido do profissional da educação o controle não só sobre os saberes de sua área, mas a exigência de uma postura flexível e dinâmica capaz de dar conta da multiplicidade de contextos, inclusive tecnológicos. Em relação à docência, resgatar o interesse do professor

pela carreira acadêmica, apesar de todas as barreiras de ordem econômica, política e social, permeia os desafios de ações futuras. Uma das metas para 2020 é a integração da educação superior com outras esferas do ensino, em um trabalho de base. A previsão é que haja formação continuada, licenças para qualificação e um plano de carreira, pensados a cada dois anos.

Sobre a formação do docente que atua no ensino superior, vale lembrar que se faz premente o abandono da escolarização que marca a postura de grande parte do ensino no país. É preciso que haja espaço para a curiosidade e o desejo pela aprendizagem. Alencar, Fleith, Boruchovitch e Borges (2015) destacam que é bastante comum encontrar na escola, especialmente em sala de aula regular, alunos pouco motivados, que se dizem entediados com as tarefas propostas e com dificuldades em relação à concentração. Segundo as autoras, parte disso é explicado pela reprodução de conteúdos por parte dos docentes, com poucas oportunidades para a expressão das ideias e valorização da autonomia do aluno. As pesquisadoras acrescentam que métodos instrucionais que possibilitam a expressão criativa podem favorecer a elevação dos níveis motivacionais.

Em um estudo conduzido com 64 estudantes brasileiros do curso de Engenharia, Alencar e Fleith (2008) investigaram fatores facilitadores e inibidores à expressão da criatividade pessoal, por meio de entrevista semiestruturada. Preparação, incentivo, inteligência e autoconfiança foram indicados pelos estudantes como fatores que promovem a expressão da criatividade. Por outro lado, a falta de flexibilidade, o medo de errar, a falta de motivação e de incentivo foram fatores apontados como barreiras à criatividade em sala de aula. Oliveira e Alencar (2007) investigaram a formação e atuação de 20 professores de duas instituições de educação superior particulares e uma pública da região centro-oeste do Brasil. Os resultados apontaram que os professores atribuíam muita importância à criatividade no contexto educacional, embora apresentassem muita dificuldade em defini-la. Não tiveram disciplinas ligadas à criatividade em sua formação, nem chances de se atualizar e apontaram várias barreiras à promoção da criatividade em sala de aula.

Também mencionado como objetivo da educação superior é a incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) aos processos de ensino-aprendizagem. É defendido pela UNESCO (2012) que a integração da tecnologia à rotina das IES mostra que o ensino, em breve, estará “ancorado de forma inexorável no uso das TICs” (p. 122). O uso das TICs no ambiente escolar deve acontecer de modo integrador. Kenski (2012) ressalta que não basta que a escola disponibilize repositórios de conteúdo ou que o professor, isoladamente, faça uso de um ou de outro recurso. É preciso que haja redes de qualidade para o acesso dos alunos, formação continuada para professores e gestores e a instituição de uma verdadeira cultura organizacional focada no ambiente digital. Ademais, o uso de recursos tecnológicos tem sido apontado como um elemento

potencialmente facilitador da expressão criativa (Vilarinho-Rezende, Borges, Fleith, & Joly, 2016), tendo em vista seu caráter de interatividade, velocidade, capacidade e alcance para acessar, armazenar, analisar, modificar e reorganizar informações a partir de várias fontes de conhecimentos e base de dados (Loveless, 2007).

Outro objetivo que precisa ser considerado na educação superior diz respeito à inclusão. Pesquisas apontam que, em relação ao acesso, a inclusão tem acontecido com sucesso, com adaptações de natureza diversa, do espaço físico às formas de avaliação. No entanto, subsistem questões ligadas à participação e a qualificação desse aluno incluído. Ademais, os professores não se consideram preparados para lidar com as particularidades desses novos ingressantes, resvalando em questões ligadas à falta de capacitação e, até mesmo, preconceito (Mendes & Bastos, 2016). A UNESCO prevê ainda que a educação, em um sentido mais amplo, deve deslocar o eixo acadêmico do ensino, centrado na noção de autoridade e verticalidade do conhecimento para a perspectiva horizontal, com alunos dialogando com os pares, com total liberdade por meio de recursos presenciais e de educação a distância em todas as atividades acadêmicas, sejam elas de ensino, pesquisa e extensão.

A necessidade de prover respostas rápidas, holísticas e integradas aos múltiplos desafios sociais, econômicos e ambientais que atualmente são enfrentados, exige a revisão imediata das formas tradicionais de se ensinar. É preciso alinhar as necessidades de alunos e professores em torno de uma aprendizagem que promova a inclusão e mobilize as habilidades, atitudes e comportamentos do cidadão rumo ao crescimento sustentável.

Nesse contexto, a criatividade precisa figurar como elemento catalisador de práticas pedagógicas, capaz de promover não só a criatividade do aluno como também a do próprio docente, de maneira especial na educação superior (França et al., 2012). Entretanto, a escolarização pode funcionar como entrave para uma docência, de fato, criativa. Nickerson (2010) alerta que existem muitas formas de se inibir o pensamento criativo nas escolas a partir da repetição massiva das formas de ensinar. Entre tantos pontos, ainda é perpetuada a ideia de que existe uma única resposta certa para cada questão. Cultiva-se a submissão à autoridade, notadamente, a do professor. Ademais, insiste-se em seguir o plano de ensino sem alterações, como o que é prescrito nos livros, sem a devida atualização.

Tais posturas pedagógicas, no entanto, não são compatíveis com as mudanças vivenciadas no século XXI, que exigem respostas dinâmicas e complexas para situações cotidianas. Nesse contexto, Neuenfeldt (2006) destaca a necessidade de cada docente cultivar a reflexão sobre sua ação pedagógica, passando a agir de forma compatível com a realidade em que se insere, pois todos os dias existem desafios no âmbito escolar que precisam e podem ser resolvidos. O objetivo deste estudo foi investigar quais são os desafios à promoção da criatividade no contexto da educação superior, segundo professores universitários.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do estudo 17 docentes que lecionam em instituições de educação superior (IES), localizadas no Distrito Federal, região centro-oeste do Brasil, divididos da seguinte forma: sete professores oriundos de uma universidade pública federal e 10 de um centro universitário, de ambos os sexos, que atuam em cursos distintos. Foi escolhida uma amostra de conveniência. Em relação ao perfil da amostra, a média etária dos participantes foi de 45,9 anos. Dez docentes relataram ser do gênero masculino (58,82%) e sete do gênero feminino (41,18%). O tempo médio de docência relatado foi de 14,9 anos, com variação de dois meses de docência a 25 anos. Do universo pesquisado, sobre a titulação máxima, 11 relataram possuir doutorado, quatro, mestrado e apenas dois são especialistas. Em relação à área de graduação, 10 (59%) são oriundos da área de Humanidades, quatro (23,5%) da área de Ciências da Vida e três (17,5%) da área de Ciências Exatas.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada, de caráter exploratório, com o objetivo de identificar quais as limitações e desafios o professor encontra para exercitar a criatividade em sua profissão. A seleção de cursos ocorreu por meio da análise prévia no site das instituições de ensino escolhidas. Foram escolhidos entrevistados dos cursos de todas as três áreas do conhecimento. Os professores foram selecionados aleatoriamente e contatados por meio de e-mails, telefonemas ou presencialmente, e a aplicação dos instrumentos foi agendada, conforme a disponibilidade e a concordância em participar da pesquisa. Todos os professores concordaram em responder o questionário. Apenas em um caso, a entrevista foi perdida por problemas técnicos da gravação. O termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado a todos. O tempo médio de duração foi de 32min14s. A variação ocorrida foi de 14 minutos a mais rápida e 1h42min a mais longa. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente. Dezesesseis entrevistas foram realizadas no local de trabalho desses professores. Apenas uma foi realizada em uma cafeteria, por pedido do entrevistado. Um ano depois, as entrevistas foram reapresentadas aos docentes, por meio de e-mails, para que tivessem a oportunidade de refletir sobre as respostas dadas, avaliando-as, complementando-as e até mesmo reformulando o que foi dito. Esse procedimento é condizente com a entrevista reflexiva, proposta por Szymanski (2004) que permite ampliar a horizontalidade do âmbito da conversação, na medida em que o entrevistado pode avaliar o que foi dito, concordando, discordando e até mesmo modificando suas afirmações no contexto da entrevista. Neste estudo, os professores não realizaram mudanças significativas, apenas modificando uma ou outra palavra.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo-se os pressupostos de Bardin (2002). Ao todo, foram incluídas três fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na primeira fase, foi realizada a leitura completa do material. Houve a leitura flutuante, que é o primeiro contato com as respostas, e a elaboração de indicadores, entendidos como os assuntos, palavras ou trechos comuns nas falas dos entrevistados. Foram respeitadas as recomendações de Bardin sobre exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Após a leitura inicial, trechos das entrevistas foram recortados e coletados em uma planilha, a partir de unidades de registro, no processo conhecido como codificação. O agrupamento se deu por uma categorização proposta por temas recorrentes que apareceram nas respostas e foram contemplados pelo referencial teórico escolhido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção do docente universitário em relação aos desafios ligados à promoção da criatividade na educação superior pode ser caracterizada por cinco grandes categorias: (a) necessidade de usar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ($n=14$), (b) necessidade de ser criativo como estratégia de se manter atualizado ($n=13$), (c) comportamento ante a velocidade de atualização dos conteúdos, ($n=11$), (d) forma de lidar com as potencialidades da rede ($n=6$), (e) convivência com um novo perfil de aluno ($n=4$). Vale lembrar que os participantes mencionaram mais de uma resposta por categoria. Ilustram esses extratos falas que foram divididas por categorias.

USO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Uma das primeiras percepções que aflorou ligada a esses desafios foram os desafios/potencialidades do uso das novas tecnologias disponíveis ($n=14$). O uso da internet e das redes foi um ponto crucial ao longo da entrevista, mesmo que não houvesse nenhuma pergunta direcionada a esse assunto. Os professores utilizam muito o conteúdo do meio digital como forma de exemplificar algum ponto tratado na teoria. Alguns extratos ilustram essa percepção.

Eu venho utilizando muito as redes sociais, como parte daquilo que está sendo discutido, as problemáticas mais atuais no momento. Então é isso. Tem a bibliografia e tem muito que vem da internet também ... Como você tem acesso à informação cotidiana, através do mundo digital, agora dentro da sala de aula, muitas vezes, quando surge uma polêmica sobre determinado assunto, você pode coletar a informação e discutir ali mesmo. Refina-se o assunto no momento que ele aparece. (Professor 7)

Os alunos gostam de atualidades, de coisas que busco na internet. Eu uso vídeos, sites, blogs, tudo... eu tenho buscado dar exemplos usando tudo isso. Mas para mim, até mesmo pela minha formação, a referência ainda é bibliográfica. Os alunos nem estão acostumados, mas eu sou daquelas que

cito o autor, fulano de tal, que disse aquilo em tal página. Em tal livro, assim, assim, assado. Eu acho que isso é importante para eles se acostumarem que não é um conteúdo montado aleatoriamente. É um conhecimento construído com base em estudos, pesquisado por outras pessoas. Aí vou usando essa base com as referências de hoje também. (Professor 3)

[A *tecnologia*] deixa tudo bem dinâmico. Quando alguma coisa está na mídia, a gente trabalha com essa situação... como por exemplo, recrutamento e seleção. Está tendo um processo de seleção, ficou uma fila enorme, virou notícia... busco coisas que estão acontecendo no momento e tento incluir esse elemento no fórum para discutir com os alunos. Como trabalho muito com internet, sempre que surge alguma coisa estou atenta. (Professor 2)

Em vez de proibir ou coibir, o desafio das tecnologias digitais é inserir, trazer para dentro de sala de aula. Por exemplo, vou fazer um trabalho em tal lugar... beleza... “Gravem um videozinho, gravem uma foto e me mandem a localização. Vamos fazer pesquisa? Entrem pelo celular e vamos ver tudo o que temos disponíveis sobre esse assunto. Celular pra mim hoje é instrumento de trabalho. (Professor 7)

Embora o uso das TICs seja apresentado como recurso moderno, capaz de alinhar professores, gestores e alunos em sintonia com as tendências atuais, essa pode ser uma conclusão apressada ou mesmo superficial. É preciso ressaltar que, para além do uso da tecnologia em si, o que precisa ser incorporado pelos profissionais ligados ao ensino não são meramente os recursos e sim a lógica das redes que perpassa os contextos atuais. É importante lembrar que a inovação em sala de aula pode ocorrer pela mediação tecnológica ou por outros meios. Na concepção trazida por essa tese, o uso criativo de tais aspectos é o que precisa ser valorizado, independente de se tratar de um recurso tradicional ou tecnológico. Por exemplo, no estudo conduzido por Vilarinho-Rezende (2017) sobre o uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) por professores na educação superior, compararam-se três grupos de professores: os que faziam uso criativo da tecnologia, os que faziam uso tradicional e os que não faziam uso da tecnologia. Foram comparadas também as percepções dos alunos acerca da expressão da sua criatividade e motivação em relação ao uso das TICs em sala de aula. Os professores participaram de entrevistas semiestruturadas. Os estudantes responderam o Inventário de Práticas Docentes para a Criatividade na Educação Superior e a Escala de Motivação para Aprender de Universitários. Os resultados apontaram que os alunos dos professores que não utilizavam as TICs apresentaram resultados mais favoráveis que os demais. Além disso, o grupo dos professores que não faziam uso da tecnologia apresentaram níveis mais baixos de motivação extrínseca na avaliação dos alunos, mas não houve diferenças

significativas em relação à motivação intrínseca. A autora conclui que, em relação aos resultados apresentados a partir desse grupo de estudantes e docentes, pode-se concluir que o uso das TICs, como fator isolado, não melhorou, necessariamente, a prática dos docentes no que tange à promoção da criatividade em sala de aula.

USO DA CRIATIVIDADE

Na percepção dos entrevistados, a criatividade foi apontada como um elemento essencial nos dias atuais ($n=13$). Os entrevistados sinalizaram, em seus relatos, uma necessidade premente de estar sempre em busca da inovação nas suas práticas docentes. Em relação às motivações, em alguns casos elas são extrínsecas – pressões externas – e em outros intrínsecas, frutos de grande desejo interno de expressão. Alguns exemplos ilustram essa fala:

A criatividade em sala de aula hoje é um dos pontos cruciais. Eu posso ser um erudito, 100%. Mas eu não souber como eu viabilizo de forma criativa isso pro aluno de hoje não dá certo. Só chegar e falar “eu sei, que eu entendo e citar tal autor que falou isso e aquilo”. Não é isso. Sabe, você tem a urgência dos meios, o aluno digita o nome do autor... Na verdade, o que ele está interessado é: “Eu sei. Mas como você fala sobre isso”. Se não tiver um jeito diferente, que faça a diferença para você falar, pra ele sua fala vai ser uma mera banalidade. Então acho que não tem jeito de ficar nessa ideia meio quadrada mesmo de um discurso cansativo, fechado, que não permita uma ideia mais aberta mesmo. (Professor 4)

Às vezes eu paro e me isolo do mundo. Eu leio, procuro estudos, anoto no quadro, colo *post its*... vou buscando sustentações. Muitos não veem isso. “Professor, você aparece com cada negócio! Mas tem muito suor, muito de buscar, de ler, de deprender aquilo. Muitas vezes, na academia não tem isso. É só produzir, produzir. Faz o método, replica o método, publica. Mas como eu posso fazer inovação em pleno século XXI replicando? E a criatividade? (Professor 13)

Não sei se sou criativo, mas busco isso. Porque se eu não busco, a gente não se reinventa, sabe? Cecília Meireles disse que a vida só é possível reinventada. E a criatividade hoje está muito ligada a isso, total. Eu acho imprescindível. A gente vive numa profissão que tem muito desgaste... são 20, 30, 40 olhares... um desgaste, uma exposição. Se você for aquele professor que usa o mesmo slide de 1900 e tanto, todas as aulas, em todas as disciplinas... as provas são as mesmas... os exemplos... acho que isso é o que desgasta. Sobretudo o professor. Porque ele vai estar ali sem se mover... Quem não se movimenta, não sei. A Luxemburgo... Rosa Luxemburgo diz... “ele não está sentindo mais as correntes que o prendem”. Eu tento não ficar tão preso. (Professor 12)

VELOCIDADE DE ATUALIZAÇÃO

Outro desafio recorrente que apareceu na fala dos professores foi a velocidade de atualização que o século XXI imprime na atividade docente ($n=11$). Os entrevistados mostraram-se ansiosos pela necessidade de estar sempre em busca de referências contemporâneas para se comunicar com o aluno, sem parecer desatualizado ou desinformado. Tal sensação é descrita nas seguintes falas:

Esses elementos que eles falam, esses elementos que eles trazem, que eles querem saber, eu aproveito ao máximo. É do nosso tempo... Eu fui fazer uma prova que tinha a Anitta como case para poder analisar. Academicamente, sei lá o que seria Anitta. Mas é algo que eles trouxeram, exemplo do que eles viram naquilo que eu estava falando. Como você tem transformações muito rápidas, efêmeras, a gente tem que falar sobre tudo: sobre moda, música, coisas dentro do universo deles. De vez em quando, aparece um que quer ler Deleuze, entendeu? (Professor 4)

Eu vejo que esse tempo hoje é sempre curto, prá tudo (fica pensativa) visto a quantidade de conhecimento que a gente tem à disposição. Até mesmo para aquilo que a gente gostaria de incluir numa aula. O tempo das disciplinas é curto, na verdade, considerando as questões administrativas que a gente tem, entrega de provas, avaliações, a gente perde muito tempo de discussão, de aula mesmo... Então eu vejo que esse tempo é curto... a velocidade com que tudo se atualiza pede uma atualização nossa até durante esse tempo semestral... (Professor 11)

REDE

Perceber o potencial da comunicação do século XXI como uma rede capaz de potencializar a interação entre aluno professor e não apenas como apenas como uso de tecnologias surgiu, timidamente, na expressão dos entrevistados ($n=6$). Mas, diante de seu potencial, constitui uma categoria destacada. Duas falas ilustram a presença do uso das redes/interação como recurso pedagógico.

Eu pensei que “poxa, se eu pudesse trazer algumas propagandas mostrando como cada uma dessas pré-condições pudessem ser apresentadas... Aí pensei, eu não tenho que ser tão paternalista e ir procurar essas propagandas. Então eu esbocei as quatro primeiras pré-condições de alienação no sistema capitalista descobertas pelo Marx e falei “Agora vocês têm o desafio de pensar outras propagandas que se encaixam nesse perfil”. Esses simplesmente trouxeram propagandas maravilhosas, deliciosas e eu copieei todas elas. Agora eu corro o risco de ser paternalista com as próximas turmas. Já tenho as propagandas que se encaixam com as pré-condições. (Professor 6)

Até algum tempo atrás, a gente mandava um trabalho comum a todos em sala de aula e a gente tinha a oportunidade de verificar várias possibilidades diferentes de um mesmo objeto dentro da mesma proposta. Mas vivemos em rede, né? Eles podem escolher, opinar, trazer algo diferente do que eu sozinho pensei. Esse semestre a gente tem feito de um jeito diferente. Permitimos que o aluno opte por aquilo que ele quer aprender. Então... como a gente transferiu isso para a sala de aula... ao invés de determinar algo na disciplina Urbanismo e Paisagismo e cada grupo fazer sobre um tema com variações do mesmo tema... eu permito que cada um escolha o grupo que quer participar, com um número x de membros. (Professor 7)

PERFIL DO ALUNO

Em relação aos desafios trazidos pelos professores sobre o perfil dos alunos do século XXI ($n=4$), três aspectos se destacaram: as deficiências de formação no ingresso na educação superior ($n=2$), comportamento dos alunos mais centrado em si mesmos, reforçados pelas novas tecnologias ($n=1$), e os discursos polarizados na sala de aula ($n=1$). Três relatos ilustram essa categoria:

Meu aluno hoje não sabe ler, não sabe escrever... tenho muitas críticas aos conteúdos mesmo, da forma como ele chega prá mim hoje no ensino superior. Como vai conseguir ser engenheiro sem saber matemática? Tenho que alfabetizá-lo. Ele precisa ser alfabetizado de todas as formas. (Professor 9)

Alguns alunos hoje... eles não interagem bem com eles mesmos. Alguns são bem calados... Eles têm uma atitude bem individualista e a aula não rende bem, assim, por essa razão. Apesar de que, quando eu propicio a interação, eles terminam respondendo. (Professor 6)

Nós, professores, temos um desafio muito grande de lidar com eles (novos alunos). Às vezes, nivela-se tão por baixo que aqueles mais competentes já entenderam e querem sair de sala. "Já entendi" enquanto outros alunos... tentamos que eles compreendam. (Professor 6)

A partir de suas falas, nota-se que os participantes caracterizaram a prática docente como um processo longo, contínuo, por elementos novos que emergem a cada semestre. Destacaram a permeabilidade, maior ou menor, que suas atividades possuem a partir do contato com o aluno, e que enriquecem a forma como lecionam. Enfatizaram as condições da instituição que interferem de maneira direta em seu trabalho. Não menos importantes são as inovações que vão sendo incorporadas, de modos distintos, na medida em que tomam contato com elas. Martin, Morris, Rogers e Kilgallon (2009) lembram que, embora os cenários sejam muito otimistas em relação ao desenvolvimento de ferramentas de aprendizagem pelo mundo, com a presença de tecnologias diversificadas e centros criativos (*maker spaces*), existe um professor universitário que sofre pressões de todas as naturezas. Depara-se, inclusive, com pressões mercadológicas, com a comoditização da educação superior, que cria um aluno na

posição de cliente, que apenas está em busca de uma qualificação e um lugar no mundo do trabalho.

Beghetto (2017) reflete sobre a importância de resposta dos professores ante às mudanças práticas, constantes e cotidianas que ocorrem no mundo. O autor alerta sobre o risco de ensinar hoje como se ensinou ontem sob pena de roubar o futuro dos alunos. Como sugestão, apresenta a necessidade de serem desenvolvidos projetos que abarquem soluções práticas, propostas pelos próprios alunos, para questões atuais. Nota-se uma busca por uma prática menos transmissiva e mais colaborativa nos ambientes educacionais. É importante notar que não só de metas acadêmicas é feita a realidade da educação no século XXI. Formar alunos sob a perspectiva de solucionar problemas implica também gerar um ambiente favorável à expressão da criatividade e afetividade.

É notório que, ao longo dos anos, o professor, em virtude de razões variadas vai avançando na busca de soluções criativas e muitos se consideram criativos. Mas é sempre bom avaliar se essa evolução é suficiente e é satisfatória para o desenvolvimento dos discentes. Estudos empíricos mostram que nem sempre a percepção do professor é a mesma do aluno em relação à concepção do que é ser criativo. Professores costumam se avaliar como mais criativos do que são percebidos pelos alunos (Alencar & Fleith, 2004; David, Nakano, Morais, & Primi, 2011).

Vale observar, pelo discurso dos professores entrevistados, que as possibilidades de interação trazidas pelas redes de comunicação e informação ainda estão em construção. Parte da angústia do professor pode ser traduzida em seu desejo de centralizar o processo de ensino e aprendizagem. A ideia de cocriação, com a mediação de processos no lugar da aula tradicional, ainda aparece timidamente no estudo.

Cintra (2018) realizou uma análise bibliométrica dos periódicos da base de dados Scielo para avaliar a produção científica sobre educação superior nos últimos anos. Os resultados apontaram para uma tendência ascendente no número de publicações versando sobre o assunto analisado. As principais temáticas dessa produção foram a respeito das práticas didáticas, sistemas de avaliação e saúde do docente. Verificou-se que alguns dos periódicos que mais publicaram artigos sobre o assunto não são da área da Educação, mas de outros campos científicos como química, medicina e enfermagem. Conclui-se que a crescente importância da discussão dentro da comunidade científica demonstra que as políticas públicas deveriam se adequar às necessidades do ensino superior, de modo que a formação didática do futuro professor também seja uma prioridade.

Sobre os desafios enfrentados por professores, Smith, Nerantzi, e Middleton (2014) sugerem que a criatividade pode oferecer uma experiência

revigorante para os ambientes marcados pelo ensino e aprendizagem. Mas destacam o seu caráter desafiador para professores que estão sobre pressão de prover um ambiente consistente e estável para seus alunos.

É importante destacar as limitações do estudo. Em primeiro lugar, observa-se que os resultados emergem, exclusivamente, dos relatos dos participantes. A percepção dos discentes poderia oferecer outros ângulos para a prática desses entrevistados e é uma sugestão para pesquisas futuras. A observação em sala de aula e propostas de intervenção também se configuram como possível delineamento de outros métodos, capazes de trazer outras nuances para os achados de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2008). Criatividade pessoal: Fatores facilitadores e inibidores segundo estudantes de engenharia. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 1, 113-126. <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/MAGIS/article/download/3359/2564>
- Alencar, E. M. L. S., Fleith, D. S., Boruchovitch, E., & Borges, C. N. (2015). Criatividade no ensino fundamental: Fatores inibidores e facilitadores segundo gestores educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31, 105-114. DOI:10.1590/0102-37722015011849105114
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2004). Creativity in university courses: Perceptions of professors and students. *Gifted and Talented International*, 19, 24-28. DOI:10.1080/15332276.2004.11673029
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Beghetto, R. A. (2017). Legacy projects: Helping young people respond productively to the challenges of a changing world. *Roeper Review*, 39, 1-4. DOI:10.1080/02783193.2017.1318998
- Cintra, P. R. (2018). A produção científica sobre docência no ensino superior: Uma análise bibliométrica da SciELO Brasil. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 23, 567-585. DOI:10.1590/s1414-40772018000200016
- David, A. P. M., Nakano, T. C., Morais, M. F., & Primi, R. (2011). Competências criativas no ensino superior. In S. M. Wechsler & T. C. Nakano (Eds.), *Criatividade no Ensino Superior: uma perspectiva internacional* (pp. 14-53). Vetor.
- França, C. C., Araújo, L., Mold, D., Borba, K., Freire, K., & Souza, S. (2012). Criatividade no ensino superior: Novos caminhos. *Recreate: Revista Internacional de Creatividad Aplicada Total*, 13, 313-319. http://www.revista-recreate.net/IMG/pdf/R13.II._CRIATIVIDADE_NO_ENSINO_SUPERIOR_NOVOS_CAMINHOS.pdf
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. (2019). *Censo da educação superior 2018. Notas estatísticas*. Brasília, DF: INEP.

- Kenski, V. M. (2012). Tecnologia educacional: Uma nova cultura de ensino e aprendizagem na universidade. In P. Speller, F. Robl, & S. M. Meneghel (Eds.), *Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década: 2011-2020* (pp. 110-126). UNESCO, CNE, MEC.
- Loveless, A. (2007). *Creativity, technology and learning: a review of recent literature*.
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.392.2297&rep=rep1&type=pdf>
- Martin, P., Morris, R., Rogers, A., & Kilgallon, S. (2009, Dezembro). *New spaces for new learning in higher education*. Trabalho apresentado na Annual Conference of the Society for Research into Higher Education (SRHE), <http://www.srhe.ac.uk/conference2009/abstracts/0109.pdf>
- Mendes, H. S. F., & Bastos, C. C. B. C. (2016). Um estudo sobre a realidade da inclusão de pessoas com deficiência na educação superior no Paraná. *Revista Educação Especial*, 29, 189-202. DOI:10.5902/1984686X17215
- Neuenfeldt, M. C. (2006, Setembro). *Formação de professores para o ensino superior: reflexões sobre a docência orientada*. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional de Filosofia e Educação. <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/019e5.pdf>
- Nickerson, R. S. (2010). How to discourage creative thinking in the classroom. In R. A. Beghetto & J. C. Kaufman (Eds.), *Nurturing creativity in the classroom* (pp. 1-5). Cambridge University Press.
- Oliveira, Z. M. F., & Alencar, E. M. L. S. (2007). Criatividade na formação e atuação do professor do curso de letras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11, 223-237. DOI:10.1590/S1413-85572007000200004
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2012). *Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década: 2011-2020*. UNESCO, CNE, MEC. <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002189/218964POR.pdf>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2018). *Relatório de monitoramento global da educação. Relatório conciso de gênero*. UNESCO.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2019). *Benchmarking higher education system performance*. OECD. <http://www.oecd.org/education/benchmarking-higher-education-system-performance-be5514d7-en.htm>
- Smith, C., Nerantzi, C., & Middleton, A. (2014, Junho). *Promoting creativity in learning and teaching*. Trabalho apresentado no International Consortium for

Educational Development (ICED 2014).
http://www.iced2014.se/proceedings/1120_Smith.pdf

Szymanski, H. (2004). Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In H. Szymanski (Ed.), *A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva* (pp. 9-61). Liber Livro.

Vilarinho-Rezende, D. (2017). *Uso criativo das tecnologias da informação e comunicação na educação superior: Atuação de professores e percepção de estudantes* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília.
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23479/1/2017_DanielaVilarinhoRezende.pdf

Vilarinho-Rezende, D., Borges, C. N., Fleith, D. S., & Joly, M. C. R. A. (2016). Relação entre tecnologia da informação e comunicação e criatividade: Revisão da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 877-892. DOI:10.1590/1982-3703001342014

Recibido: 27/02/2020

Aceptado: 09/07/2020